

## PARAULAS: UM OLHAR SOBRE O DIALETO FORNESE

Adriano Perissutti

### 1. Introdução

Este trabalho propõe-se a fazer uma breve apresentação e reflexão sobre alguns aspectos linguísticos do dialeto fornese, suas variantes e locais de elocução, mais especificamente Forni di Sopra e Forni di Sotto, localidades que integram a comuna de Udine na região de Friuli-Venezia-Giulia (FVG), Itália. Outros paralelos de aproximação discutidos serão a língua italiana oficial e o friulano na FVG, uma dentre as doze integrantes do grupo de línguas minoritárias amparadas legalmente pelo governo italiano e união europeia (albanês, catalão, croata, francês, franco-provençal, friulano, grecânico, ladino, occitano, sardo, esloveno e alemão) por sua importância histórico-cultural, com a qual o fornese compartilha muitos aspectos etimológicos e históricos.

O interesse pessoal para a realização desta pesquisa surgiu não só a partir das discussões feitas sobre línguas e dialetos na disciplina *A Questão da Língua Italiana* e demais optativas correlatas ofertadas durante o curso de graduação em Letras Português e Italiano na Universidade Federal do Paraná, mas também foi motivada por questões de origem familiar. O fornese era o dialeto falado pelos meus ancestrais de Forni di Sopra, quando de sua chegada ao Brasil no fim do século XIX.

Durante minha vida pregressa à graduação, convivi com familiares e parentes que mantiveram uma pequena parcela do fornese como língua de herança praticada durante as divertidas e longas conversas e reuniões familiares, carinhosamente apelidado como *furlan* e que mais tarde, quando cursei a disciplina aqui citada, pude de fato confrontar com o friulano. Surgiu daí o interesse e a problematização que proponho neste trabalho, ao que prefiro chamar de dúvida pessoal: o meu dialeto ou língua materna ancestral seria de fato o fornese ou o friulano?

Como será apresentado a seguir, a semelhança entre tais variantes vai além do nome e das breves palavras que aprendi no convívio familiar. Porém, antes de compará-las de fato, farei um breve resumo da questão da língua, dos dialetos e das línguas minoritárias na Itália, com ênfase no friulano, seu amparo legal, as políticas linguísticas de fomento e seus desdobramentos nos âmbitos escolar e cultural.

## 2. Dialeto, língua oficial e línguas minoritárias

Primeiramente, cabe explicar a definição de dialeto adotada, consonante com a apresentada no livro *Guia ao estudo dos dialetos* de Marcato (2011). Não se admite aqui ao termo qualquer sentido depreciativo ou estereótipo disseminado pelo senso comum, mas sim o seu valor científico, isento de análises subjetivas e de valoração frente a outras variantes ou à língua oficial.

Ainda segundo Marcato (2011)

Se osserviamo attentamente la realtà linguistica d'Italia in tutta la sua storia, non possiamo non vedere come ogni ipotesi di monolinguisimo si presenti inadeguata: all'italiano unitario si aggiungono da sempre numerose parlate locali, tramandate per secoli di generazione in generazione, misura e veicolo di una cultura antropologica che nell'oralità ha trovato il suo alveo di trasmissione. (MARCATO, 2011, p. 11)

Historicamente, na realidade linguística italiana, o monolinguisimo se mostra inadequado. Ao italiano unitário foram acrescentadas inúmeras *falas locais* que por tempos e gerações transmitiram sua cultura pelo viés da oralidade. Vale ressaltar que tal processo não findou, pelo contrário, ele ainda ocorre no italiano *standard*, se pensarmos a quantidade de termos dialetais que vêm sendo integrados à língua oficial constantemente. Isso não apenas constitui um rico aporte lexical comum partilhado por todos, mas é a evidência de que o contato linguístico opera por meio de forças de (re)ação biunívocas.

Dentre as principais teorias linguísticas apresentadas pela autora ainda no primeiro capítulo, adota-se aqui a visão da Sociolinguística, que assume os dialetos como variantes de repertório complexo e elementos intrínsecos aos aspectos sociais do grupo de falantes, canais de transmissão, níveis de comunicação, diversificação de funções e estilos. A competência comunicativa leva o falante a escolher formas adequadas à ação linguística por ele pretendida. O foco no falante e no uso permite traçar hipóteses de contato contínuo entre os sistemas, de conexões entre traços compreendidos na matriz linguística (união, mistura, reestruturação), sendo central a análise do que varia no sistema e das modalidades segundo a qual acontece e se sistematiza. O alvo é localizar as regras até então consideradas livres ou casuais, descobrindo as normas que guiam a escolha do falante entre tais opções diversas e aparentemente livres ou equivalentes, motivadas por estratégias comunicativas que se justificam e se aplicam na complexa rede de comunicações, situações e funções da língua e modos escolhidos para comunicar.

Ao longo da história as línguas, percebe-se uma imposição de uma variedade sobre outra por questões hierárquicas, econômicas, prestígio ou influência cultural. De um lado, se há pressão política, normativa e literária-cultural de uma língua oficial exercida pragmática e universalmente sobre todas as demais variantes dialetais coexistentes (partindo dos poucos registros históricos escritos de que a maioria dos dialetos dispunham), por outro lado, a

experiência histórica secular de contato entre diferentes povos e culturas prova que estas últimas preservaram suas raízes filológicas de inúmeros confrontos regionais ou mundiais, das várias forças de imposição histórico-político-culturais e de tantos outros processos de apagamento linguístico derivados. A tradição oral perpetuada por seus falantes deu a elas a primazia como língua de uso social em detrimento da língua douta ou literária, registrada e tutelada por entidades de notória tradição histórico-documental ou por ferrenhos filólogos e eruditos puristas da língua. Marcato (2011) resumirá mais adiante que, ao longo da questão da língua italiana, duas variantes latinas mais se destacam: uma cepa clássica ou literária que se ocupa do registro escrito e história da língua e outra, mais oral, menos normativa e não tutelada por instituições, chamada dialeto.

Na sequência do livro, Marcato (2011) afirma que a língua unitária e os dialetos não se contrapõem. Ambos se originam de uma variante popular (*volgare*) que, infiltrando-se no latim, permeou o âmbito pragmático e substituiu no cotidiano a língua que a originou. A autora aponta que para além do plano puramente político ligado à linguagem, os linguistas consideram línguas e dialetos como sistemas de signos e regras que funcionam de modo análogo. Portanto, o estudo científico não deve analisar as variantes estudadas em critérios de superioridade ou inferioridade de uma variante sobre as demais.

Via de regra, continua a autora, a definição cultural e histórica de língua é de um sistema de codificação externo tutelado por instituições, suportado por aparatos normativos e corroborado por exemplares de textos fidedignos à escrita. Já os dialetos são fiéis à competência dos falantes, que os transmitiram oralmente por gerações no tecido social onde agiram e se identificam. São o resultado linguístico de um processo de socialização direta e primária onde pensar, falar e fazer estão diretamente ligados ao cotidiano, percebidos tal como fato habitual e naturalmente envolvidos. O raio de ação dos dialetos liga-se à dimensão da comunidade ou localidade onde atuam e tem amplitude limitada perante uma língua nacional - segue Marcato (2011) - o que se traduz em sociolinguística na relação de dependência da variante mais ampla por sua eficácia em maior número de situações comunicativas.

A autora, em outro trecho posterior, aponta que ao se falar sobre dialetos na Itália, faz-se referência a inúmeros sistemas com história, identidade e gramática própria, secularmente organizados em torno de uma *língua guia* com a qual formam uma espécie de constelação linguística, o que o linguista, glotólogo e filólogo Giovan Battista Pellegrini corretamente e cientificamente define ítalo-românico. Isso caracteriza seu território ao lado das variantes latinas e da presença dialetal grega, albanesa, eslava, alemã e das demais sedimentações históricas de assentamentos antigos.

Ainda sobre este aspecto, há uma complexa relação de heteronomia entre a língua italiana oficial e os dialetos, ou seja, de não total independência, mas sim da recíproca

dependência entre si, ocorre quando se analisam as inúmeras variantes regionais existentes a partir do dialeto referencial ou *linha guia* segundo Pellegrini. O falante não só domina ambas as variedades, bem como entende a passagem de um modelo a outro e doravante suas regras, contextos e formas de uso. Isso se explica, de um lado, pela frequente acentuação de marcas dialetais regionais nas últimas décadas e, por outro lado, pela extensão da variação dialetal além dos limites dos modelos tradicionais, englobando a polaridade do italiano. Outro fator inerente à realidade linguística italiana é a diglossia, social e culturalmente percebida pela redução do analfabetismo e pelos fenômenos de mobilidade social e geográfica após a Segunda Guerra Mundial. O mesmo fator foi igualmente estendido graças à grande influência dos meios de comunicação de massa iniciados no mesmo período.

Embora a língua oficial italiana tenha sido amplamente difundida e imposta pelo viés ultranacionalista instaurado pelo fascismo a partir dos anos 1920, esta não impediu que dialetos então proibidos pelo regime coexistissem e se mantivessem como línguas dentro de uma Itália territorial e politicamente unida (passados 60 anos desde sua unificação em 1861), mas não ainda cultural e linguisticamente (o que ocorre ainda hoje, 157 anos depois). O atlante linguístico italiano realizado 50 anos mais tarde, na década de 70, catalogou cerca de 2000 variantes dialetais, usando como referência para coletas de dados as variações de pronúncia e vocábulos de uso diário como sol, lua, estrela, mão, irmã(o), cabeça, olho, fumar, entre outras palavras também relativas às ferramentas, trajes e ao trabalho rural, atividade da maioria dos entrevistados. O atlante, além das transcrições fonéticas e mapeamento das isoglossas feitas por aproximações lexicais entre as variantes catalogadas, ainda inclui o registro em áudio com gravadores de som portáteis feitos em campo e trechos de filmagens usadas no documentário *Italia dei dialetti* curado por Collodi (1969) e veiculado pelo canal *Rai Storia*.

O dialeto é a língua materna italiana por excelência, genuinamente herdada pelos italianos a partir do seu convívio nuclear (familiar ou socialmente constituído) e que se preservou e resistiu durante a dura imposição linguística estabelecida no regime ditatorial fascista. O italiano *standard*, por sua vez, é a língua padrão ministrada dentro das instituições de ensino formal. Aqui, novamente nos deparamos com os aspectos de diglossia e domínio de variantes mutuamente reconhecidas apontadas por Pellegrini. O falante pode sim dominar tantas variantes e contextos quantos tiver efetivo contato. Não raro, filhos de pais italianos oriundos de regiões diferentes aprendem os dialetos com os pais como língua de herança e não necessariamente formal como o fazem com o italiano *standard* em sua instrução primária. Vale ressaltar que atualmente, em algumas regiões italianas, grande parcela do trabalho das associações de fomento de línguas minoritárias é desenvolvido dentro do âmbito escolar, contemplando o(s) dialeto(s) dentro da proposta curricular prevista

no projeto pedagógico e o uso de materiais didáticos físicos, digitais e audiovisuais voltados ao seu ensino desde as séries elementares. Sem dúvida, um exemplo de resiliência e convivência mútua da tradição, cultura e língua local em um sistema de ensino nacional e língua oficial.

Um outro belo exemplo das heranças e resistências cultural e dialetal ao modelo de língua oficial no âmbito literário pode ser visto na leitura do livro *Padre Padrone*, escrito em 1975 pelo escritor sardo, linguista, pesquisador e professor assistente da universidade de Cagliari, Gavino Ledda. Na obra, o autor protagonista relata sua vida e relacionamento difícil com seu pai, que o tira do âmbito escolar para que este continue o seu trabalho pastoril. Ledda, durante a trama, usa não só muitos termos dialetais e cantilenas de trabalho em sardo, bem como mais tarde apontará seu estranhamento e demais questões linguísticas à língua oficial quando ingressa no exército, pois serviu ainda durante o regime legal e militar mantido após o fim do fascismo. Ele não prestou o serviço militar obrigatório em sua cidade natal, mas no continente. O exército seria para ele uma rota de fuga para longe de seu trabalho como pastor e de seu passado turbulento com o pai, um outro rumo para um novo destino que, contudo, o obrigará a aprender uma nova língua e realidade em seu próprio país. Isso, no entanto, não o fez abandonar suas origens de língua e cultura, mas sim ampliou sua formação como linguista, pesquisador e promotor da língua sarda e suas variantes nos meios literário e conseqüentemente acadêmico.

Outra pessoa de grande influência literária que soube empregar muito bem em suas obras vários termos dialetais e demais aspectos culturais distintamente sicilianos e hoje presentes no ideário lexical comum aos italianos é o escritor, roteirista, diretor de teatro e televisão Andrea Camilleri, sobretudo através de personagens como Salvo Montalbano. De fato, a língua oficial e os dialetos, com base na acepção de Marcato (2011), não se antepõem, mas sim a primeira amplia e ganha a riqueza e nuances culturais provenientes das inúmeras variantes.

Os dialetos, embora de espectro menos difuso comparados à língua oficial, chegam de fato ao conhecimento de outros falantes por inúmeros meios, sejam eles físicos ou digitais, tais como a literatura, a televisão e rádio enquanto principais difusores de massa e sobretudo atualmente através da internet com os vários grupos e redes sociais, independente se estes atuam diretamente ou não na promoção e fomento linguístico e cultural, a exemplo das associações oficiais para a promoção das línguas minoritárias, dentre as quais, apresento a seguir o friulano como exemplo de dialeto oficial regional, seu aparato legal e da divulgação e tutela promovidas pelos entes oficiais.

## 2.1. A questão da língua friulana

Derivada do latim falado em Aquiléia e de substrato pré-romano, o friulano é a língua românica falada na região norte oriental italiana que tem contato com outras 3 famílias linguísticas europeias: a neolatina (de sua origem), a germânica e a eslava (fruto do contato histórico). Geograficamente, o limite linguístico friulano ao norte é a região alpina entre Itália e Austria, a leste com a Eslovênia e mais ao sul com a região de Gorizia. Ao sul faz divisa com o mar Adriática e a oeste com a região do Vêneto. O Tagliamento, rio principal que atravessa toda a região Friulana, lembra muito uma isoglossa natural que divide verticalmente algumas variantes dialetais.

Partindo-se da matriz genética que o friulano compartilha com o grupo das línguas galo-românicas, o dialeto vênето udinese representa uma transição entre as línguas vêneta e friulana ou um vênето colonial entre o friulano e o italiano, segundo Vicario (2004) apontou em seu *abstract* apresentado durante a jornada de estudos promovida pela Universidade de Udine sobre cidades plurilinguísticas. Este dialeto nasce durante o período de domínio da comuna de Udine pela República de Veneza. Quanto ao seu *status*, foi difundido historicamente por altas classes burguesas da cidade em um momento onde quase a totalidade dos cidadãos fazia uso do friulano, do italiano, do esloveno e demais variantes germânicas e nunca do vênето. Assim como o friulano, tutelado pela lei regional nº 5/10.

No artigo *o Friulano, cenas de história linguística, gramática e léxico*, Vicario (2011) aponta que no âmbito administrativo, a área friulófona constitui a maior parte da região FVG, uma dentre as 5 regiões de estatuto especial da república italiana. As principais localidades da região friulana: Udine (capital histórica e sede universitária), Pordenone, Gorizia, Tolmezzo, Cividale del Friuli, San Vito al Tagliamento, Codroipo, Gemona del Friuli e Maniago. Algumas regiões do Vêneto ainda falam friulano. Já em Trieste e Muggia o friulano foi abandonado em favor do dialeto vênето. A área friulanófona sofreu leve retração no limite ocidental com a pressão dos dialetos vênетos. No entanto, a mesma foi compensada por sua expansão ao norte e leste em detrimento das variedades eslovenas e germânicas presentes no território.

Francescato (1966) aponta que o friulano, assim como o *volgare*, era a língua popular regional falada por lavradores em oposição ao latim culto, literário e administrativo. É a continuidade de uma língua neolatina após seculares invasões germânicas, com características próprias e definidas a partir do ano 1000 depois de Cristo. Sua resistência enquanto língua à pressão linguística e cultural alemã durante os mais de 3 séculos do poder político do patriarcado de Aquiléia (1077-1420). É notoriamente uma região onde o histórico plurilinguismo se faz presente e cujos falantes usam de inúmeras variantes e adequações comunicativas além do italiano oficial. A exemplo, as variantes germânicas, de

menor incidência de falantes (5% em média), se localizam nas chamadas ilhas germânicas dos Alpes Cárnicos, enquanto que as eslavas são próprias dos vales que confinam com a Eslovênia. Portanto, na FVG, são reconhecidas e faladas a língua oficial italiana, o friulano central, o esloveno e o alemão, em respectiva ordem de grupos de falantes ativos.

Estudar e conhecer o friulano de sua origem não prescinde a pesquisa de fontes documentais antigas. Traços de vozes e nomes friulanos surgem desde os textos latinos dos séculos XI a XXIII, já quando o resto da Itália usa o vulgar (na Sicília Toscana). Uma presença maior de termos friulanos surge ao final do século XIII, como se deu com o vulgar, em documentos de uso prático em contextos administrativos, contábeis e notariais, fontes reconhecidas do friulano antigo.

O interesse pela língua e literatura friulana desde meados do século XVIII produziu vários estudos e pesquisas para elaboração de repertório lexical e aporte linguístico, vocabulários e gramáticas, antologias e críticas literárias. Pellegrini (1972), curador do *Atlante Storico-Linguistico-Etnografico Friulano* (ASLEF), descreve seu distinto caráter linguístico como *pronunciada individualidade arcaica e tradicional*, com a conservação de importantes traços do latim tardio (uso de plural sigmático “S” de substantivos: las minas = le pecore) e inovações particulares (uso de vogais distintivas breves e longas que mudam semântica das palavras: pes = pesce x pês = peso; queda de todas as vogais finais latinas em posição final, exceto do A), tal como ocorre na variante fornese mais adiante descrita. Dados recém divulgados na pesquisa sociolinguística conduzida pela universidade de Udine mostram que a população falante ativa de toda a região abrange meio milhão de pessoas.

No terceiro volume do *Manual de Linguística Friulana*, Roseano (2015) afirma que o estudo da variação dialetal da língua friulana se desenvolveu a partir do século XX com a realização de publicações agrupadas em 4 eixos principais: os atlantes linguísticos; as descrições gerais dos dialetos do friulano; as obras que analisam os múltiplos aspectos de um dialeto ou de um único fenômeno linguístico em mais dialetos e, por fim, os estudos contrastivos entre o friulano e outras variedades geograficamente vizinhas.

Desde seus primeiros estudos, a divisão das variantes dialetais friulanas considera aspectos históricos, geográficos, antropológicos e a influência de uma cidade ou região sobre as demais variantes. Atualmente, as obras que apresentam descrições dialetológicas gerais do friulano são em menor número se comparadas às específicas, as quais consideram o *tipo geográfico* (ou o estudo e descrição completa de uma única variedade friulana e não abrange todos os dialetos), o *tipo temático* (ao tratar de um fenômeno linguístico comum a todos os dialetos) ou ainda uma mistura entre os dois anteriores, ao analisar um aspecto dentro de um único dialeto. Dentre os vários estudos que descrevem as características de um dialeto, há um crescente *geográfico* centrado na fala de uma área específica ou toda uma macroárea dialetal. Os estudos que examinam um único fenômeno

linguístico em todo o Friuli consideram frequentemente aspectos lexicais, analisando os vários termos utilizados para um mesmo objeto ou conceito em toda a área friulófona.

Roseano (2015) preconiza que a matriz para os nove atlantes linguísticos dedicados ao estudo dialetal da língua e região friulana foi o ALF (*Atlas Linguistique de la France*) de Gilliéron e Edmont (1902-1910), cujas bases metodológicas previam a escolha, dentro do território estudado, de locais representativos para a pesquisa. Em cada um destes pontos eram também escolhidas uma ou mais informações representativas do dialeto em questão.

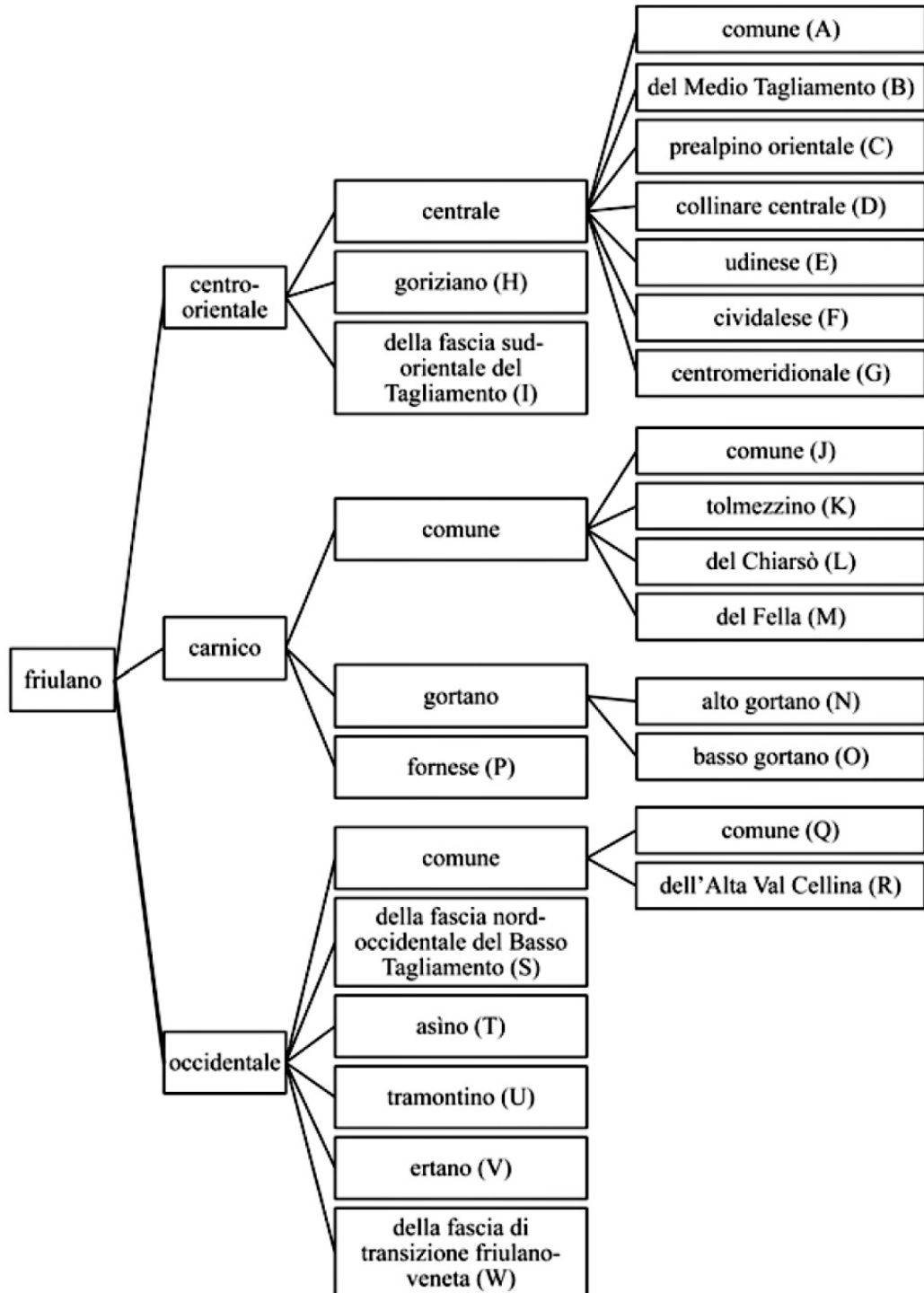
A coleta dos dados era feita usando um questionário padrão no qual buscava-se minimizar a possível influência do entrevistador. Em 1960 surge o principal atlante linguístico para o estudo linguístico friulano, o ASLEF de Pellegrini (1972), abrangendo 129 pontos pesquisados que revelam novos dados do campo de pesquisa, a maior parte deles composto de localidades onde os dados linguísticos não tinham sido recolhidos. Entre o fim do século XX e início do XXI surgem atlantes linguísticos considerados de segunda geração, nos quais o maior desenvolvimento tecnológico permite criar atlantes multimídias que incluem, além dos tradicionais mapas e transcrições fonéticas e ortográficas, registros em áudio e vídeo modernos e de maior qualidade das entrevistas feitas. Entre os principais exemplos estão o *Atlant linguistich dl ladin dolomitich y di dialec vejins*, que em dois momentos (1985-1992 e 1999-2001) fez a coleta de dados de 27 pontos relevantes da área histórica friulana, não todos de língua friulana, o *Vivaio Acustico delle Lingue e dei Dialetti d'Italia* da parte friulana, cuja atividade de campo ocorreu entre 2007-2011, engloba 28 localidades entre friulanófonas, vênetas, germânicas e eslovenas e o *Atlant Multimediâl di Prosodie des Varietâts Romanichis* (AMPER-FRIÛL) que apresenta informações sobre a entonação do friulano.

Roseano (2015) apresenta ainda duas literaturas de referência para as descrições dialetológicas e propostas de classificação dos dialetos friulanos existentes, a *Dialettologia Friulana* de Francescato (1966) e *I dialetti dei Friuli* de Frau (1984). Elas não só apontam e descrevem numerosos aspectos linguísticos de todas as variantes da língua friulana, mas também coincidem metodologicamente pela base de atlantes linguísticos usados na pesquisa e pela tentativa de traçar as isoglossas. A diferença fundamental entre elas é a estrutura das relações entre os diversos dialetos.

Enquanto Frau (1984) propõe uma clara articulação entre dialetos e subdialetos, Francescato (1966) define 3 dialetos base (cárnico, centro oriental e ocidental), subdivididos em subdialetos separados de falas de transição que o autor não atribui a nenhuma das áreas dialetais convergentes. As áreas de transição são representadas pelos dialetos fornese (do cárnico ao ocidental), das faixas ao longo do Tagliamento (do centro-oriental ao ocidental) e demais dialetos do Medio Tagliamento e do Fella, que demarcam a passagem gradual entre o friulano centro-oriental e o cárnico.

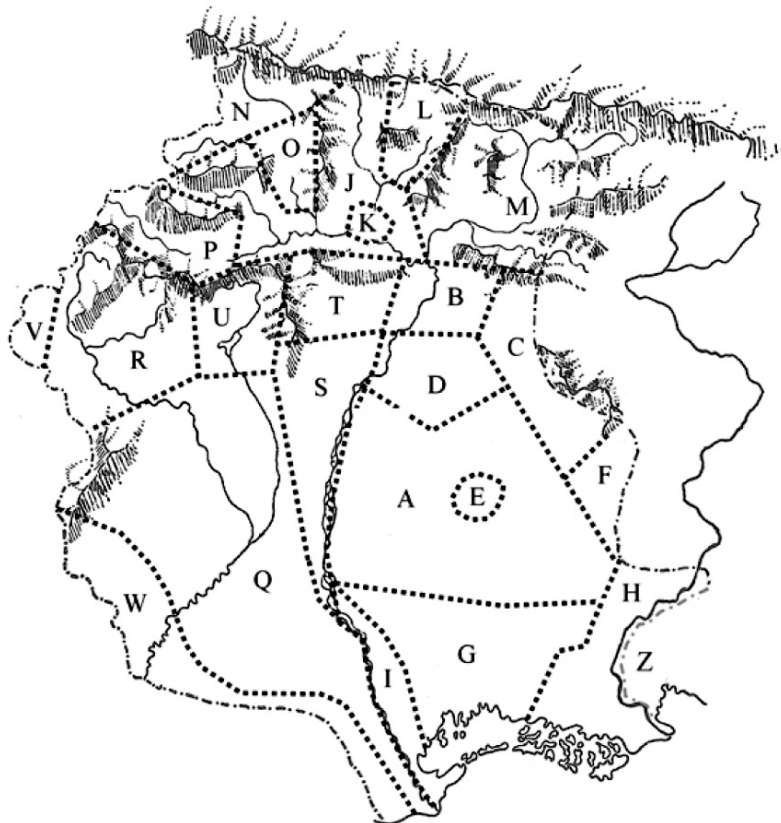


A figura a seguir propõe a classificação de Frau (1984) com o acréscimo da distinção entre alto e baixo gortano de Francescato (1966).

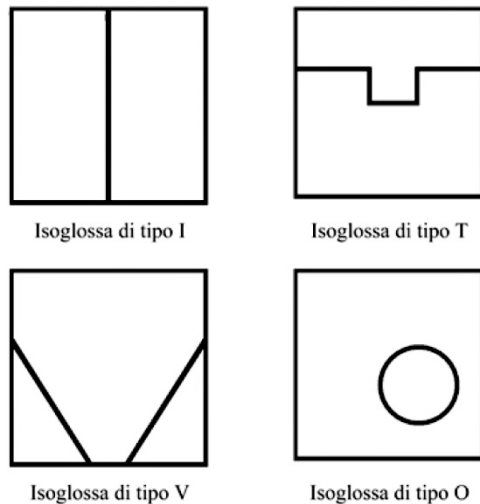


Classificação dos dialetos friulanos segundo Frau (1984), com integrações extraídas de Francescato (1966)

Francescato (1966) e Frau (1984) definem as áreas dialetais partindo da observação do andamento das isoglossas (linhas imaginárias que compreendem território que compartilham um determinado traço linguístico). Os contornos de uma parte importante das isoglossas podem ser estilizados de modo simples com linhas que dividem o Friuli geometricamente. Imagina-se uma área friulanófono como um quadrado, um tipo que chamamos tipo I porque sua forma lembra o formato de tal letra maiúscula por dividir verticalmente a área friulana, separando as falas ocidentais e parte das cárnicas do restante. Um segundo tipo de limite linguístico tem um andamento horizontal que lembra a forma da letra T separa a área cárnica (à qual frequentemente se acrescenta o Alto Friuli Udinese) do complexo de falas centro-meridionais. Um terceiro tipo de isoglossa segue um movimento em V e separa as áreas sul-ocidentais e sul-orientais das remanescentes. Vale ressaltar que sobretudo no Friuli ocidental, as várias isoglossas de tipo V não coincidem entre si, mas correm paralelas umas às outras, fracionando notadamente a área ocidental. Por fim, um último tipo de isoglossa circular como a letra O delimita a área de influência de alguns centros urbanos como Udine ou Tolmezzo.



Mapa da área friulanófono com indicação dos principais dialetos e subdialetos, baseado em Frau (1984), Francescato (1966) e ASLEF (*Atlante Storico-Linguistico-Etnografico Friulano*, Pellegrini, 1972-1986)



Representação esquemática do andamento das isoglossas da área friulana

As isoglossas de Francescato (1966) e Frau (1984) correspondem a mais de 50 características linguísticas que ambos atribuem uma importância particular. Os critérios de classificação relacionam, em medidas distintas, várias áreas da linguística, sobretudo com a fonologia e morfossintaxe, enquanto uma parcela menor com aspectos fonéticos e lexicais.

Por fim, vale ressaltar que outras linhas de pesquisa apontam a *questão ladina* do friulano e dividem escolas de pensamento entre austríaca e italiana. O ladino é hoje considerado o grupo de variantes dialetais alpinas sediados na cadeia dolomítica de Sella. Muitos servem de paradigma para a descrição de outras variedades (sub)alpinas como o lombardo, o vêneto e o friulano (um traço comum ao ladino e o friulano é o plural sigmático, por exemplo). Devido a fatores e traços linguísticos histórico, geográficos e antropológicos compartilhados, admite-se o friulano como pertencente ao grupo de línguas reto-românicas ladinas dolomíticas faladas nas regiões italianas do Alto Adige (Südtirol), Trentino, Vêneto e FVG, a evolução dos latinos vulgares falados pelos povos alpinos ao fim do império romano. A língua ladina tem aspectos comuns às neolatinas italiana e francesa e se aproxima desta última pela origem galo-românica, assim como do occitano e do catalão.

A seguir, apresentamos o fornese como uma das variantes que se encaixa no último eixo apontado por Roseano (2015), as literaturas pesquisadas e as análises encontradas durante a realização deste trabalho.

### 2.2.1 De dialeto à língua minoritária oficial

O caso do dialeto friulano é particular por se tratar de uma variante das línguas galo- e reto-românicas de origem latina que reivindicou para si o estatuto de língua, reconhecimento chancelado pelo governo italiano e pela união europeia com a lei estatal 482/99, a qual dá provimento ao artigo 6 da Constituição Italiana. Ela é uma dentre as doze línguas minoritárias tuteladas pelo seu valor histórico, cultural e local e possui um órgão de fomento regional instituído em 2005, nominado *Agência Regional para a Língua Friulana* (ARLEF), um ente público-jurídico com autonomia financeiro-jurídica e com atuação para coordenação, controle, atuação e intervenção no tocante às políticas linguísticas igualmente previstas nas normativas das leis regionais nº 15/96 e nº 29/07. Tais leis normatizam a tutela e valorização da língua friulana, fomento, promoção e coordenação de iniciativas culturais regionais e de uso realizadas por seus agentes públicos em todos os âmbitos da instrução pública, comunicação e da vida moderna.

A ARLEF possui um excelente portal de domínio público (<http://www.arlef.it>) com informações úteis e detalhadas sobre a agência, sua estrutura, funcionamento e entidades coligadas, todas as regulamentações e aparato legal nas três esferas (internacional, estatal e regional), o plano geral de planificação linguística, principais serviços à comunidade, além de outros materiais disponíveis como recursos e instrumentos de multimídia, dicionários e corretores ortográficos, download de configurações de teclado e aplicativos para *desktops* e *smartphones*. A agência ainda divulga todos os projetos e iniciativas de promoção linguística desenvolvidas anualmente pelas várias mídias sociais.

Destaco duas seções em particular: A primeira chamada *Língua Friulana*, abrange as questões das línguas minoritárias na Itália e Europa. Em seguida, a língua e a região de Friuli, seus desdobramentos nos eixos cultural, histórico e literário, sua condição sociolinguística e sua tutela jurídica. A segunda aba, Recursos, abrange também aspectos da língua, sobre a grafia oficial da língua comum (friulano central), a toponímia (denominações oficiais das regiões de língua friulana), as normativas legais, símbolos (bandeira e brasão regional), serviços comunais e a seção de materiais, com vídeos, áudios, livros didáticos e músicas para consulta e livre download. Dentre eles, me chamou a atenção o primeiro tópico desta última aba. A grafia oficial foi adotada mediante decreto n. 392 promulgado em 25/10/1996 pelo presidente da junta regional, com base na grafia aprovada em julho do mesmo ano pelos conselhos das províncias de Udine, Gorizia e Pordenone. Mais tarde, a grafia foi acolhida no artigo 13 da lei regional de nº 15/96. Por fim, mediante o decreto n. 41 de 07/03/2013 do presidente da junta regional, foi adotado o regulamento para a grafia das variantes de língua friulana. O documento multilíngue *A grafia*

*oficial da língua friulana* disponível no site tem dois pontos interessantes: a discussão na *Apresentação* e na seção *A língua comum e as variantes do friulano*.

O primeiro apresenta a escolha da grafia oficial a partir do sistema gráfico proposto na lei regional n.15/96, acordado pelas províncias de Udine, Gorizia e Pordenone, elaborada por Xavier Lamuela, catalão e docente de filologia românica na Universidade de Barcelona, especialista em língua friulana e encarregado pela província de Udine e indicado pela comissão para a tarefa. Ele deveria formular escolhas para alcançar um sistema de notação interno mais coerente possível e adotou, como base, o modelo da Sociedade Filológica Friulana e ainda fez uma proposta ligada a um modelo de língua normatizada. Ao final, o uso da grafia se refere ao mesmo sistema da lei regional supracitada. Além disso, com base no artigo n.41/13, foi adotada a grafia oficial das variantes da língua friulana em uníssono com a ARLEF e universidades de Udine e Trieste. O documento veiculado em 2002 era promover o conhecimento e grafia oficial da língua friulana em cada âmbito da vida social, reforçando sua posterior difusão, possibilitando seu uso correto em todos os níveis da comunicação formal, em benefício de todos os friulanos e aqueles, ainda que estrangeiros, queiram se aproximar da nossa língua e aprender a escrevê-la.

Na segunda parte, o texto se divide em tópicos, pontuando inicialmente as variedades dialetais como fenômenos naturais das línguas, a escolha de uma variante de prestígio literário e documental que com o tempo se torna comum, a adoção de uma língua oficial nos meios de difusão audiovisivos ou impressos. Esta poderia ser de origem natural ou artificial, de forma a representar as variantes mais importantes para a difusão da língua, com o devido reconhecimento oficial do estado (o que recorda o aparato legal reconhecido às línguas minoritárias). A forma da língua deve ser igual em um território, traço de sua oficialidade que se conjuga com a prática de uma variante única. Segue afirmando que a língua comum é uma escolha livre de uma nação, uma resposta prática à necessidade de comunicação escrita e geral entre todos aqueles (falantes) que se integram ao sistema. A língua comum é uma variante ao lado das línguas geográficas e naturais e serve para desempenhar funções que estas não podem desenvolver juntas ao mesmo tempo. A língua que não selecionou um modelo comum ou vive nas variantes naturais ou pertencente a uma sociedade não desenvolvida e não sente necessidade de uma forma de comunicação complexa para uma vida social e econômica igualmente complexa, dá lugar a uma língua desempenha as funções que só pode exercer uma língua comum, pois integra uma sociedade desenvolvida e complexa.

Até este ponto da seção, a justificativa da língua *standard* friulana usou de todos os recursos linguísticos e históricos apontados neste trabalho: ser a variedade de maior amplitude, tem maior aceitação entre as comunidades de falantes, ser uma língua vulgar que como o tempo se normatiza (como o processo do *volgare* discutido na disciplina de

questão da língua, da sua maior difusão e notoriedade econômica e política chancelada por Firenze, de seu *status* literário alcançado com as obras de Dante, da criação das primeiras gramáticas e dicionários).

A grafia oficial é o passo subsequente de uma variante que assume o *status* de língua minoritária, mas oficialmente amparada dentro de uma região com meio milhão de falantes ativos e passivos. Seu uso nos meios de massa e ambiente escolar promovem a língua comum compartilhada por uma sociedade complexa. Uma língua pode se manter viva se for utilizada para todas as funções necessárias a uma sociedade humana que a fala. Para praticar tal importante função comunicativa, é necessário que uma língua tenha uma variante comum, seja ela natural ou artificial. Enxerga-se aqui um novo ponto de resistência de uma língua frente a outra igualmente oficial: “É o caso do Friuli, que se não utilizasse a língua friulana comum onde é útil, para todas as funções necessárias, acabaria deixando que a língua italiana desempenhasse as funções da língua comum.”

Na sequência, falam sobre porque alguns grupos dialetais morrem, fruto dos processos de emigração, do convívio com outros falantes de outras variantes ou ainda substituída por outra língua por supremacia cultural ou institucional por não ter uma variante comum que venha a ser utilizada para as funções da outra língua e exemplificam com os falantes que ainda sabem e no entanto deixam de usar o friulano em determinados atos comunicativos (discursos) ou ambientes (escolas, escritório, trabalho). Na visão da ARLEF, a língua friulana comum não substitui as variantes naturais, mas para questões de difusão e comunicação em amplo espectro (jornal, ensaios, escolas, textos escolares) que não podem ser editados em todas as variantes naturais. Estas podem viver na fala, poesia e outras formas comunicativas que valorizem a subjetividade. As variedades naturais podem sobreviver se como língua referencial permanecer o friulano comum e não o italiano oficial.

Na parte subsequente, são colocadas seis objeções à língua comum: a língua comum é uma construção artificial e não natural; a língua comum friulana não é útil enquanto os friulanos podem usar a própria variedade; a língua comum non é suficiente para parar a perda da língua no Friuli, porque as razões do fenômeno são outras; a língua comum extermina as variantes; a língua comum extermina as variantes devido à normatização; na escola, crianças que falam variantes diversas da língua comum terão dificuldade em aprendê-la e esquecerão a variante (natural).

Em resumo, a língua friulana comum (moldada a partir do friulano de tradição literária oitocentista e novecentista) está atualmente atravessando um processo de padronização linguística coordenada por um grupo especialistas da Sociedade Filológica Friulana, cuja grafia oficial é fixada pela lei regional n. 15/96. Assim como o *volgare*, seu *status* perante as demais variantes locais cresce pela sua promoção e difusão midiática e escolar ser conduzida e tutelada por entidades oficiais. A ARLEF não incita o apagamento das demais

variantes, mas talvez fosse melhor explicar os critérios de seleção não pautados por aspectos evolucionistas e econômicos, mas sim apresentar o contexto de uso da língua comum enquanto ferramenta universal e que o falante reconhece. Se de fato o falante que domina uma ou mais variantes tem um repertório mais amplo e adequado às inúmeras situações comunicativas, o mesmo saberá da necessidade de uso uma língua padrão (tal como é usada a norma culta do português, igualmente difusa em meios educacionais e mass media) em um contexto mais formal ou amplo, quando fora de sua região.

Isso já acontece com o italiano oficial, pois o mesmo foi imposto no período fascista e não extinguiu as variantes locais. O friulano comum surge como uma *koiné*, uma quinta variante aos quatro grupos principais de falas reconhecidos: o friulano central (Udine), o oriental ou sonziaco (Gorizia), o ocidental ou concordinese (Pordenone) e o cárnico (Tolmezzo). Gerações de falantes aprenderam e aprendem o italiano *standard* no ambiente escolar. O documentário de Collodi (1969) mostra também o ensino do italiano no período pós-guerra. Ao entrevistar um professor sobre o tempo médio que um aluno que só fala dialeto aprende o italiano padrão, o mesmo responde que demora cerca de um ano. Quando perguntado ainda sobre a extinção dos dialetos, o mesmo diz ser impossível, pois a variante natural é a língua de herança aprendida em casa e, por ser mais íntima ao falante, é a língua mais rica de vocábulos, perfeita para expressar a ampla gama de sentimentos que vivencia (ao contrário do italiano) e da qual dificilmente se separa. É claro que os processos históricos e linguísticos do passado nos mostram também que muitos italianos deixaram de falar o dialeto em casa ou ensiná-lo aos filhos por medo do regime ditatorial de Mussolini ou para não influenciar na primeira alfabetização. Isto teve reflexo e consequências mesmo aqui no Brasil durante a era Vargas, ao proibir as falas dos integrantes do eixo (Itália, Japão e Alemanha) e pela retirada de línguas estrangeiras do currículo escolar, substituídas pelo espanhol. Na minha família, por exemplo, o dialeto deixou de ser falado dentro de casa pelos meus avós quando meus pais ingressaram no ensino fundamental.

A questão do abandono do dialeto por outra variante de prestígio é decisão deliberada que cabe ao falante. Da mesma forma que as variantes dialetais sobreviveram à normatização e ingresso do italiano oficial nos vários âmbitos sociais, acredito ser possível que as futuras comunidades de falantes poderão se adequar a mais um sistema sem detrimento de sua essência natural, mesmo porque a região é historicamente plurilíngue e já provou ser capaz de resistir, reconhecer e negociar as mais variadas situações comunicativas.

Em que processo linguístico se encontra e se encaixa o fornese perante as demais variantes e línguas oficiais? É o que discutiremos a seguir.

### 3. O fornese e as demais variantes friulanas vizinhas

O fornese ou cárnico sul-ocidental de Forni di Sopra e Forni di Sotto é uma variante do friulano cárnico, falado na Cárnia, parte central e ocidental dos Alpes Cárnicos de Udine, região fronteira ao Vêneto e à Áustria. Das 3 variantes cárnicas definidas por Frau (1984) no livro *I dialetti dei Friuli*, o dialeto fornese é inteligível com as variantes do friulano central, a língua oficial na FVG, e com algumas variantes dos dialetos vênето, trentino e germânico.

Dos poucos registros encontrados sobre o fornese, o mais significativo é o compêndio único do 44º congresso da Sociedade Filológica Friulana realizado em Udine em 1967, onde o autor Gildo de Santa, no breve estudo do fornese de Forni di Sopra, menciona alguns dos estudiosos da língua: Gortani, Francescato, Pirona e Pellegrini, que ampliou a pesquisa para o ASLEF. Gortani associa o fornese ao quarto tipo dialetal da língua italiana falada na zona alpina ou Cárnia. Francescato considera que o fornese no entanto se destaca do tipo cárnico, aproximando-se mais dos dialetos da parte ocidental do Friuli, além do Tagliamento. Na sequência, apresenta um estudo que busca esclarecer algumas características fonéticas do fornese em relação ao friulano, com acenos preliminares sobre fonética, grafia e léxico. O fornese tem influência do dialeto vênето-cadorino em sua grafia e no seu parco léxico, evidente em uma zona montanhosa isolada e de pessoas dedicadas ao trabalho agrícola e silvopastoril, propensa a satisfazer as exigências de uma vida simples. Porém, uma pesquisa etimológica mais atenta revela vocábulos pré-romanos, de origem desconhecida ou de origem céltica, germânica, eslava e demais raízes latinas, gregas, italianas e vênéticas. Já Forni di Sotto, a 84 quilômetros de Forni di Sopra e aqui apontada pelo autor do estudo Mario Toller, mantém quase imutável seus traços fonéticos, morfológicos e lexicais. Gortani definiu o fornese desta região como limítrofe da comuna de Forni di Sopra, com certas diferenças de grafia e pronúncia ao final das palavras. Francescato afirma que a variante de Forni di Sopra se aproxima dos dialetos do Friuli ocidental, enquanto a de Forni di Sotto é similar às demais variantes cárnicas. A variante de Forni di Sotto, embora conserve alguns traços antigos e característicos, foi gradualmente enriquecendo com aspectos dialetais vênéticos, sofrendo no campo fonético influências do friulano central por meio do tolmezzino.

Como já observado anteriormente, o Friuli é uma região histórica e habitualmente plurilíngue. Após quase 60 anos do congresso realizado pela Sociedade Filológica Friulana em Forni di Sopra, posso supor que o fornese já não estava e sobretudo hoje não está mais totalmente isolado do mundo, considerando a tecnologia atual. As redes sociais reagrupam vários fornese emigrados dispersos pelo mundo, que ao contrário do também exposto no guia de grafia oficial, diminuem as distâncias geográficas, resistem às demais variantes e ao normativismo das línguas oficiais com a maior arma, o valor à sua língua, terra e origem.



#### 4. Conclusões

Ao final deste trabalho, percebi que a quantidade de literatura sobre a língua friulana é infinitamente superior ao número de trabalhos sobre as variantes subdialetais das comunas de Forni di Sopra e Forni di Sotto. Elas são apenas uma dentre as 27 classificadas por Francescato (1966) e Frau (1984). No entanto, foi importante descobrir que o friulano central foi o sistema de base adotado para o estudo comparativo dos aspectos fonéticos, morfológicos e lexicais do fornese apresentado no livro da Sociedade Filológica Friulana. Acredito que a dúvida colocada no início do trabalho foi resolvida: o fornese é uma das variantes dialetais regionais friulana. Agora a palavra *furlan* dita pelos meus avós era como eles chamavam o *fornese* de Forni di Sopra.

Foram poucas as análises linguísticas feitas aqui por conta de não conhecer a fundo o dialeto de meus ancestrais ou o friulano comum. Me ative a apresentar alguns acenos preliminares. Um estudo mais aprofundado requererá o aprendizado dos sistemas fornese e friulano comum, sendo este último a língua franca entre a maioria das demais variantes dialetais friulanas. Percebo que estou diante de um novo desafio, pois o italiano que aprendi durante minha jornada na graduação não me auxilia muito no estudo do fornese, mas me aproxima dos textos que analisam o friulano comum. O próximo passo que já iniciei e do qual já sinto o peso da responsabilidade, é aprender o friulano comum, pois tem muito mais aspectos dialetais semelhantes ao fornese. As primeiras aulas desta nova língua serão mais intensas e intensivas, pois me sentirei de fato como um dos tantos pesquisadores aqui relatados, que se dedicaram a pesquisa, observação e coleta de dados em campo para tecer seus artigos e atlantes linguísticos. Digo tudo isso porque viajo no início do ano para a terra dos meus ancestrais e tenho um professor de língua materna que me espera para começarmos este novo percurso.

O resgate familiar foi o que primeiramente motivou a pesquisa, que somado ao meu interesse pela história, pesquisas, processos e querelas entre o doutho latim clássico e o *volgare* fiorentino, e deste com as demais variantes dialetais italianas, me motiva a estudar na pós-graduação assuntos relativos aos dialetos e suas origens etimológicas. As palavras trazem consigo sua origem, história e significado, tal como nós, humanos. A curiosidade de buscar respostas e entender nossa origem, percurso e legado é o que nos aproxima delas.

*La nostra lingua è la nostra storia.*

Grimm

Allora andiamo avanti in cerca di nuove risposte!

## 5. Referências

AGENZIA REGIONALE PER LA LINGUA FRIULANA (ARLEF). Disponível em: < <http://www.arlef.it> > acesso em: 20 dezembro 2018.

\_\_\_\_\_. (2002) **La grafia ufficiale della lingua friulana**. Disponível em: < [http://www.arlef.it/download/Grafie\\_cuadrileng%C3%A2l\\_ed2017.pdf](http://www.arlef.it/download/Grafie_cuadrileng%C3%A2l_ed2017.pdf) > Acesso em: 20 dezembro 2018.

CONGRESSO DELLA SOCIETÀ FILOLOGICA FRIULANA, 44., 1967. Forni di Sopra. Luigi Ciceri (edd.), Numero unico, Udine: 1967

COLLODI, L; DEVOTO, G. **L'italia dei dialetti**. 1969, Inchiesta Rai, Rai Storia.

FRANDESCATO, G. **Dialettologia friulana**. Udine: Società Filologica Friulana, 1966.

FRAU, G. **I dialetti del Friuli**. Udine: Società Filologica Friulana, 1984.

MARCATTO, G. **Guida allo studio dei dialetti**. CLEUP, 2011.

PELLEGRINI, G. B. **Introduzione all'Atlante Storico-Linguistico-Etnografico Friulano (ASLEF)**. Padova/Udine, Istituto di glottologia dell'Università/Istituto di filologia romanza, 1972.

ROSEANO, P. **Manuale di linguistica friulana**. In: Sabine Heinemann e Luca Melchior (edd.) Vol. 3, De Gruyter, pp. 155-186, 2015.

VICARIO, F. **Il friulano. Cenni di storia linguistica, grammatica e lessico**. In: Raffaella Bombi e Vincenzo Orioles (edd.), *Nuovi valori dell'italianità nel mondo. Tra identità e imprenditorialità*. Udine: Forum, 2011, pp. 177-195.

\_\_\_\_\_. (2004) **Il dialetto «udinese»: un veneto coloniale tra friulano e italiano**. In: Raffaella Bombi e Fabiana Fusco (edd.) *Città plurilingui. Lingue e culture a confronto in situazioni urbane*. Udine: Forum, pp. 613-621.